

# Kőrösi, um século errante que desvendou a milenar cultura do Tibete

*Aleksandar Jovanović*

N

ascido talvez em 1784, ou 1787, na aldeia de Kőrös, região de Háromszék (hoje Chiu-rus, na Transilvânia, Romênia), numa família com seis filhos, Sándor Csoma Kőrösi foi um estudioso conhecedor de grande quantidade de línguas<sup>1</sup>. Viajou para o Oriente

1 Tudo indica que conhecia, no mínimo, umas 20 línguas, ou seja, além do húngaro, sérvio, eslavo eclesiástico, romeno, latim, grego, turco, alemão, inglês, francês, italiano, hebraico, árabe, sânscrito, pashto, persa, hindustani, tibetano, marati e bengali. Giuseppe Gasparo Mezzofanti (1774-1849), cardeal italiano, tornou-se famoso por manejar, sem dificuldade alguma, nada menos que 39 línguas (*sic*). O conde Liév Tolstoi (1828-1910), escritor russo, dominava muito bem, no mínimo, 20 idiomas.

**ALEKSANDAR JOVANOVIĆ** é professor da Universidade de São Paulo, tradutor e autor de, entre outros, *Caracol estrelado: poesia sérvia contemporânea da segunda metade do século XX* (Fundação Biblioteca Nacional).

e a obra de Sámuel Gyarmati<sup>2</sup> parece tê-lo influenciado na ideia de buscar o local exato de origem do povo e língua magiares – que imaginava ser na Sibéria ou Mongólia. No entanto, em vez de encontrar os ancestrais de seu povo ou o lugar de onde ele emigrou para o Velho Continente, Kőrösi acabou sendo o primeiro especialista ocidental na língua e cultura tibetanas, autor de várias e importantes publicações. Seu túmulo, a 6 mil metros de altura, em Darjeeling, no Himalaia, é considerado monumento nacional pelo governo da Índia. Kőrösi morreu ali de malária, em 1842.

Completa os estudos no ginásio de Nagy Enyed (hoje Aiud, Romênia) em 1807. Mas já à época demonstrava muito interesse em descobrir as origens geográficas do povo húngaro, cujos ancestrais de fato chegaram ao solo europeu oriundos da Sibéria oriental. Até o momento em que a figura central deste texto vivia, tais fatos eram conhecidos de forma inexata. Mas, ainda aluno do ginásio, presta um solene juramento com dois colegas de escola, conta-nos Duka (seu principal biógrafo): de que viajaria pela Rússia, rumo ao Oriente, a fim de localizar a origem dos magiares.

---

2 Sámuel Gyarmati (1751-1830), médico, também nascido na Transilvânia, publicou, em 1799, a obra denominada *Affinitas linguae hungaricae cum linguis fennicae originis grammaticae demonstrata* ("Demonstração gramatical da afinidade da língua húngara com as línguas de origem finesa"), estudo comparativo das línguas do grupo fino-ugriano. Antes dele, János Sajnovics (1733-1785), linguista, foi pioneiro dos estudos comparativos da família fino-ugriana de idiomas, com a edição, em 1770, do volume *Demonstratio idioma Hungarorum et Lapporum idem esse* ("Demonstração de que a língua de húngaros e lapões é a mesma"). Credita-se, no entanto, ao dinamarquês Rasmus Rask (1787-1832) o fato de ter estabelecido os fundamentos sólidos dos estudos comparativos em linguística, no princípio do século XIX, e inaugurar o estudo das línguas fino-ugrianas.

O aluno que recebeu bolsa ginasial era um *gratistae*: seus estudos nada lhe custavam, mas deveria pagar com trabalhos duros na escola. E, para obter o próprio sustento, dava aulas particulares durante as férias, na localidade próxima chamada Szászváros (hoje Orăștie, Romênia). Por intervenção do pai, aprendeu latim e grego no colégio protestante local. Em 1815, solicita a expedição de passaporte e, através de Nagyvárad (hoje Oradea, Romênia), vai a Budapeste, dali a Viena e chega a Göttingen, na Saxônia, em cuja universidade também acaba sendo bolsista. Ali aprendeu árabe e hebraico e foi aluno do famoso orientalista Johann Gottfried Eichhorn (1752-1827). Foi em Göttingen que tomou contato com a teoria do conhecido linguista, historiador, orientalista e explorador Julius Heinrich Klaproth (1783-1835), segundo quem húngaros e uígures – minoria de etnia turca e muçulmana que habita a província chinesa de Xinjiang (antigo Turcomenistão Oriental) – eram povos aparentados. Em síntese: teria sido a soma das ideias de Sajnovics, Gyarmati e Eichhorn que o impulsionou na inusitada jornada em busca de um objetivo que jamais conseguiu concretizar. E, lendo historiadores árabes, tudo indica que Kőrösi tomava conhecimento de fatos e dados desconhecidos (até então, no Ocidente), não somente com relação à origem geográfica e etnolinguística das tribos magiares que invadiram a Europa Central no final do primeiro milênio da era vulgar, mas também a respeito de outros fatos históricos importantes. A leitura dos textos de historiadores árabes, no entanto, confirmou que os ancestrais dos húngaros saíram da Ásia, de terras em torno do Rio Ob, na Sibéria.

Conclui o curso de Teologia em Göttingen e retorna à Transilvânia, em 1818. Fica em

Kolozsvár (hoje Cluj-Napoca, na Romênia). No ano seguinte, vai até Temesvár (hoje Timisoara, na Romênia) aperfeiçoar seus estudos de línguas eslavas e dali vai até Újvidék (hoje Novi Sad, na Sérvia). Retorna à Transilvânia em novembro de 1819. Um mês depois, chega a Bucareste, para nunca mais retornar. Em 1820, já está em Sófia e Plovdiv, na Bulgária.

Dentre os manuscritos de Csoma, deixados no período de estudos em Göttingen, foi encontrada a citação de Virgílio: *Felix, qui potuit rerum cognoscere causas* (“Feliz é aquele que pôde conhecer as causas das coisas”). Afirmam alguns autores que esta seria a demonstração clara da inclinação científica de nosso personagem: desejava conhecer as causas dos fatos. Coincidência, revelação de tendência íntima ou tentativa forçada de reconstruir os pensamentos mais recônditos do viajante-aventureiro-estudioso?

De família calvinista, alimentava-se a expectativa de que estudasse para tornar-se pastor. Em vez disso, deixou o país natal, abandonou a Europa e seguiu rumo ao Extremo Oriente. Em fevereiro de 1820, estaria em Constantinopla; depois já está em Rhodos e logo mais em Alexandria, no Egito, local que abandona de pronto devido à epidemia de peste que ali grassava. Segue para o Líbano. De Beirute sobe pela costa marítima até Aleppo, na Síria. Em maio do mesmo ano, chega a Mossul (hoje situado no Iraque) e continua até Bagdá.

Convém observar que desde Plovdiv até Bagdá estava em território dominado pelo Império Otomano. Em outubro, ingressa em território persa e já estaria em Teerã, onde permaneceria durante um mês, onde estuda e aprende o persa. Em janeiro de 1822, chegaria a Cabul, no Afeganistão. A guerra

em terras afegãs força nosso personagem a mudar novamente de rumo. Em julho, já estaria na Caxemira, onde começaria a estudar o tibetano com o incentivo do inglês William Moorcroft (1767-1825), veterinário formado na França, voluntário para lutar contra o exército de Napoleão, recrutado para o serviço colonial na Índia, que viajou pelo Tibete, Nepal, Afeganistão, atual Uzbequistão; e quem desempenhou papel fundamental para que Kőrösi fosse apoiado pela Royal Asiatic Society.

Cabe um parêntese: outro importante membro da Companhia das Índias Orientais, *sir* William Jones (1746-1794), que chegou a ser juiz britânico em Calcutá a partir de 1793, foi o precursor da linguística histórico-comparativa, porquanto publicou, em 1786, a obra *The sanscrit language*, demonstrando, inclusive, que aquele idioma e as línguas grega e latina possuíam estreitas afinidades. A partir da identificação dessas similaridades nasceu não somente o método histórico-comparativo, mas também a indo-europeística, ramo que estuda apenas as línguas da família indo-europeia. Logo, o momento em que o sículo errante perambula pela Ásia, aprendendo línguas, era um período bastante fértil no que diz respeito à descoberta de fatos científicos relevantes e à (re)descoberta de culturas e línguas antiquíssimas.

Em julho de 1823, Kőrösi estaria no mosteiro de Zangla, no Tibete. Ali estuda literatura tibetana, guiado por seu mestre, Sangs-rgyas Phun-tshogs, a quem menciona em suas cartas como “o lama”. Nos cinco anos que se seguiriam, ele leria centenas de livros em tibetano e em sânscrito, e seu nome começaria a ser conhecido nas redondezas. Ao final desse período duro, compôs um glossário inglês-tibetano com 30 mil ver-

betes! É interessante notar que o filho de família sem posses, que saiu em peregrinação mundo afora sem recursos, acabou sendo auxiliado por várias pessoas e circunstâncias ao longo de sua jornada incomum.

Em outubro de 1824, ao deixar o mosteiro, caiu em mãos de soldados ingleses que o tomaram por um espião ocidental e obrigaram-no a redigir a autobiografia, a pedido de Lord Amherst (1773-1857), governador geral da Índia britânica, sempre temeroso de que espiões russos estivessem sendo enviados para aquelas terras. Kőrösi relata no manuscrito, em detalhes, a peregrinação iniciada na Transilvânia e chama a atenção do governador geral britânico para a importância da língua e literatura tibetanas e o pouco conhecimento que o Ocidente possuía a respeito do assunto. Sublinha, ainda, o fato de que os textos tibetanos conservaram muitos ensinamentos referentes ao budismo que se haviam perdido na Índia e que não foram registrados em sânscrito. Nos anos seguintes, andou errando de mosteiro em mosteiro pelo Tibete. Em 1831, muda-se para Calcutá, onde já começa a redigir o seu dicionário de tibetano-inglês, sob os auspícios da Royal Asiatic Society, da qual havia sido eleito membro um ano antes. Em 1834, vai para Bengala, onde se familiariza com as línguas bengali, sânscrito e várias outras das centenas faladas na Índia. É neste ano que publica suas duas obras-primas: uma gramática da língua tibetana e um dicionário inglês-tibetano. Retorna para Calcutá em 1837, onde passa cinco anos como bibliotecário da Royal Society. Em 1842, visita Lhasa e no mesmo ano chega a Darjeeling, local onde morre em abril do mesmo ano. A primeira obra a respeito de sua vida seria publicada em Londres, em 1885 – *Life and*

*works of Alexander Csoma de Kőrös* – de autoria de Theodore Duka.

A ideia inicial de Kőrösi, ainda na Transilvânia, era atravessar o Império Russo até chegar a Irkutsk, para descer, em seguida, em direção à Muralha da China, conforme testemunhou seu amigo Sámuel Hegedüs, ao fazer-lhe o panegírico, em 1842. O itinerário planejado, de quase 7 mil quilômetros, através de regiões inóspitas, com invernos rigorosos e sem meios de transporte adequados, tinha como objetivo escapar das gigantescas e quase intransponíveis cadeias montanhosas situadas na Ásia: Pamir, com altitudes de até 7.500 metros, o Hindu-Kuch, com altitudes de até 7.600 metros, e o Himalaia, com até 8 mil metros.

Eram tempos difíceis para viajar, inclusive porque não havia liberdade para ir de um lugar para outro. Como súdito do Império dos Habsburgos<sup>3</sup>, Kőrösi necessitava de passaporte para deslocar-se de um lugar para outro. Se desejasse ingressar nos impérios Russo ou Turco, na qualidade de cidadão estrangeiro, sofreria mais restrições que os nacionais daqueles estados. Ele obteve uma espécie de salvo-conduto, emitido para locomoção limitada em direção à Valáquia (principado vassalo do Império Otomano quando Kőrösi vivia e que comporia a Romênia, após a Primeira Guerra Mundial). Daí em diante, a movimentação de nosso personagem tornou-se uma aventura ímpar, tanto pelas condições precárias em que via-

---

3 A Transilvânia passou para o domínio dos Habsburgos em 1690, como consequência, entre outras coisas, da derrota dos otomanos em 1683, quando tentaram invadir Viena. Anteriormente, como território que pagava vassalagem ao Império Otomano, a Transilvânia conseguiu gozar certo grau de autonomia.

java, quanto pelos riscos que corria de ser apanhado sem passaporte que o autorizasse a movimentar-se. Havia outro fator agravante no quadro das dificuldades já apontadas: como um *székely*<sup>4</sup>, tinha a obrigação de guardar as fronteiras do Império dos Habsburgos e portar armas até os 50 anos de idade, assim como havia ocorrido com seu pai. Portanto, abandonar, sem permissão, o local em que tinha residência fixa, conhecida e permitida, poderia representar deserção sujeita, inclusive, a corte marcial (*sic*). Portanto, as peripécias da jornada de Kőrösi equivalem às de um genuíno personagem de obra de ficção.

Resumindo a etapa inicial do deslocamento: Kőrösi chegou até Bucareste, então, ainda, uma pequena cidade. Dali seguiu, com uma caravana de comerciantes búlgaros, até Rustchuk (hoje, Ruse), Sófia e Plovdiv. Sempre passando despercebido: romeno ele falava sem problemas; por falar sérvio e conhecer bem o eslavo eclesiástico, conseguia comunicar-se em búlgaro. Sem pertences, em trajes modestos, simplesmente seguiu caminho sem ser molestado. Na nona linha de seu salvo-conduto figurava que

era capaz de falar húngaro, latim, alemão, romeno, francês e sérvio<sup>5</sup>. Por fim, chegou a Constantinopla (atual Istambul, na Turquia) e, de ilha grega em ilha grega, no Mar Egeu, acabou desembarcando no Egito, três meses depois de sair da Transilvânia. A peste obrigou-o a ir-se embora e, assim, foi para Chipre. Depois, acabou na Síria. De Aleppo desejava seguir para Mossul e ao longo do Rio Tigre em direção ao Oriente, a fim de escapar de ladrões. Para continuar viagem com uma caravana, disfarçou-se de beduíno, a fim de não ser molestado, conforme relata o seu importante biógrafo, Theodore Duka<sup>6</sup>.

Cabe sublinhar que Aleppo era o principal centro comercial do Império Otomano à época: dali saíam tanto mercadorias para o Ocidente, quanto para o Oriente, estas em caravanas de camelos rumo ao Golfo da Pérsia. De novo, uma série de circunstâncias felizes impulsionou o solitário peregrino: o cônsul-geral da Áustria, em Aleppo, Esdras de Picciotto, dera visto *bonā fidē* para Kőrösi prosseguir viagem, sem questionar um instante sequer a validade do (inválido) papel expedido em húngaro na Transilvânia. E mais: recomendou-o a Ignaz Pohle, um

---

4 Os *székely* – sículos, em português – são possivelmente uma etnia de origem magiar, que ocupou terras na Transilvânia e sudoeste da atual Hungria ainda no século VIII de nossa era. Há bastante controvérsia teórica entre os próprios historiadores a respeito da proveniência dos sículos. Uns asseguram que foram assentados ali, a fim de guardar as fronteiras das invasões de tártaros, mongóis e outros povos das estepes, mas que eram tribos guerreiras que acabaram sendo magiarizadas; outros sustentam que eles sempre foram de origem húngara, mas alguns hábitos culturais diferentes seriam explicados pelo relativo isolamento geográfico em que passaram a viver no que se convencionou denominar de “Terra Székely” ou *Széke-lyföld*, em húngaro, e *Ținutul Secuiesc*, em romeno. Já na Idade Média, os sículos faziam parte da *Unio Trium Nationum* (União das Três Nações) na Transilvânia, que os englobava, juntamente com a nobreza húngara e os saxões (de etnia e língua germânica).

---

5 Textualmente rezava, em húngaro: “[...] *beszél Magyarul, Deákul, Németül, Oláhul, Francziául és Ráczul*”. Ver Bernard Le Calloc’h, “Un document suspect, le laissez-passer d’Alexandre Csoma de Kőrös”, *Études Finno-Ougriennes*, (22), Paris, 1989-1990, passim.

6 Théodore (*alias* Tivadar) Duka (1825-1908) foi outra figura incomum que merece texto à parte. Húngaro de nascimento, durante a Revolução de 1848, foi ajudante-de-ordens do general Arthur Görgey (1818-1916), na luta contra a dinastia absolutista dos Habsburgos. Com a rendição dos revolucionários húngaros, em 1849, cai prisioneiro de guerra. Consegue escapar, no ano seguinte, via Dresden e, depois, Paris. Acaba em Londres, onde estuda Medicina e torna-se  *fellow* do Royal College of Surgeons of England. Torna-se oficial médico do exército britânico na Índia e aposenta-se com a patente de tenente-coronel.

tcheco e cidadão do Império dos Habsburgos, que, por sua vez, dá-lhe uma carta de apresentação a Anton Swoboda, um jovem eslovaco residente em Bagdá.

E as apresentações se sucedem. Assim, Claudius James Rich, cidadão britânico, confere, mais tarde, o *status* de protegido da Companhia das Índias Orientais ao sículo errante que segue de Aleppo a Bagdá numa caravana de camelos. Depois, passa quatro meses em Teerã, obtém apoio do embaixador britânico Henry Willock e aperfeiçoa o conhecimento da língua persa. Em março de 1821, disfarçado de persa, vai para Bukhara, Cabul, Peshawar, Lahore e Caxemira. William Moorcroft, oficial britânico, presenteia-o com o primeiro livro sobre o Tibete, o *Alphabetum tibetanum*, de 1762, de autoria do orientalista italiano Agostino Antonio Giorgi (1711-1797). Kőrösi fica em Leh para aprender o tibetano usando o persa como língua *intermediária*.

Depois de ter adquirido rudimentos da língua tibetana, Csuma decidiu aperfeiçoar seus conhecimentos nos mosteiros. Solicitou ajuda a Moorcroft para retornar a Ladakh. O governo britânico acabara de estabelecer relações diplomáticas com Ladakh e o inglês facilitou a ida do amigo.

Ladakh, que temia uma eventual agressão dos guerreiros *sikhs* do Punjab, não se opunha em tornar-se um protetorado britânico. Tudo parecia ir ao encontro dos intentos dos expansionistas ingleses naquela região. Foi assim que o húngaro que pretendia aprender tibetano apareceu ao oficial britânico no momento oportuno.

Moorcroft forneceu alguns suprimentos necessários e escreveu recomendações para o primeiro-ministro real em Leh e para o chefe do assentamento de Zangla, Sangs-

-rgyas Phun-tshogs, futuro professor de Csuma. Este saiu da Caxemira em 2 de maio de 1823 e chegou a Leh em 1º de junho. Ali recebeu presentes e outra carta de recomendação para dirigir-se a Zangla, onde chegou três dias depois.

Kőrösi ficou em Zangla de junho de 1823 a outubro de 1824. Aprendeu tibetano em condições muito difíceis. Seu contato com a literatura tibetana foi orientado por Sangs-rgyas Phun-tshogs, a quem ele simplesmente chamava de *lama* em suas cartas. Numa carta de 5 de maio de 1824 afirma ter estudado várias obras “da coleção de duas partes do cânone tibetano traduzido para o sânscrito” e chega a citar um extenso glossário sânscrito-tibetano de extrema importância em seu trabalho. É provavelmente o *Mahāvvyutpatti*, um famoso dicionário de terminologia compilado no século IX, que mais tarde seria a base de sua terceira monografia póstuma.

Nos 16 meses difíceis passados em Zangla, lançou as bases para o seu trabalho posterior. Conseguiu tornar-se professor da língua tibetana, adquiriu também um notável conhecimento da literatura canônica e compôs um glossário de cerca de 30 mil palavras.

Precisou deixar Zangla por um motivo desconhecido. Concordou com o *lama* que este o seguiria alguns dias depois e passariam o inverno em Sultanpour, para continuar o estudo da língua em condições seguras. Csuma esperou vários dias, mas o *lama* não apareceu. O inverno aproximava-se, e sabia que as passagens nas montanhas ficariam intransitáveis. Voltou para Sabathu.

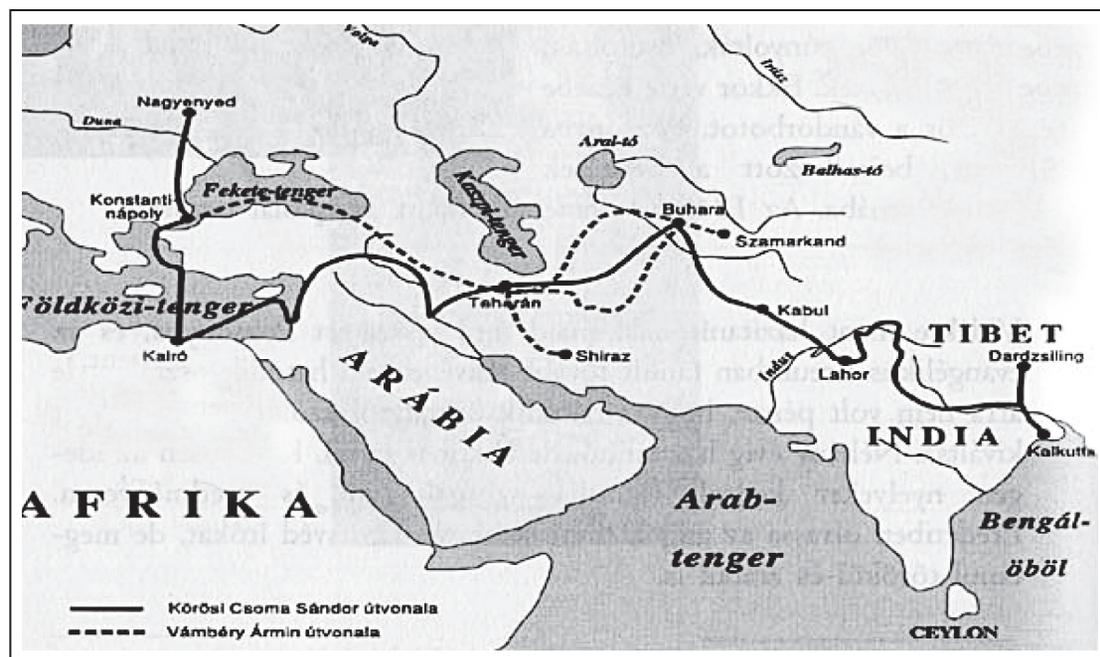
Depois de passar por muitos aborrecimentos e ter sido ignorado pelas autoridades britânicas, escreve uma carta ao comandante militar de Sabathu apontando o fato de que o conhecimento da língua, literatura e

cultura tibetanas era ainda completamente desconhecido. E colocava-se à disposição da Sociedade Asiática de Bengala. Após mais longos meses de espera, foi admitido no serviço britânico e passou até a receber um pagamento de 50 rúpias por mês. Preciso explicar às autoridades britânicas por escrito os progressos obtidos no campo do conhecimento e relatar planos futuros até que fosse autorizado a empreender nova viagem.

Na metade de 1825, faz a sua segunda viagem ao Tibete, mas não sem antes precisar passar por novas e inesperadas dificuldades. Finalmente, segue para o mosteiro de Phugstal com o seu *lama* Sangs-rgyas Phun-tshogs. Frustrado com os resultados de seus estudos e pesquisas, temeroso em falhar com os britânicos, em janeiro de 1827 retorna a Sabathu. Relata ao capitão C. P. Kennedy, comandante militar de Sabathu e que se tornara seu amigo para toda a vida, que, apesar de tudo, a viagem

não havia sido perda completa de tempo, porque afinal conseguira sair de Phugstal com diversos livros impressos de gramática, astronomia e filosofia moral e resumos de obras de cronologia, geografia e história da literatura tibetana (*sic*).

Em agosto de 1827, faz a sua terceira viagem, desta feita ao mosteiro de Kanam. Foram três anos de privações e reiteradas dificuldades. Quando o governo britânico finalmente concordou em fornecer-lhe a ajuda financeira necessária para a aquisição dos livros e manuscritos que tinha em mente obter, Csoma rejeitou o auxílio afirmando que não o necessitava mais. Ao final desse novo período permeado de obstáculos havia composto o primeiro dicionário e a primeira gramática da língua tibetana, redigira a versão inglesa do *Mahāvvyutpatti*, o glossário de termos budistas e coletara grande quantidade de material da literatura do Tibete, suficiente para a redação de diversas monografias.



Mapa húngaro das peregrinações de Sándor Csoma Kőrösi, da Transilvânia até Darjeeling

No ano seguinte, estava em Calcutá preparando a publicação de suas obras e trabalhando como bibliotecário da Sociedade Asiática de Bengala e já escrevia com regularidade para o *Asiatic Researches*, editado pela instituição que o acolhera. No Prefácio de seu dicionário tibetano-inglês, fazia agradecimentos a todos os que o haviam ajudado e explicava que a sua viagem-aventura havia sido iniciada como uma busca na Ásia pela origem do povo e da língua húngaros.

Depois, enviou doação em dinheiro para Nagyenyed, a fim de que bolsas de estudo fossem concedidas aos melhores alunos, e mandou somas para Kőrös a fim de beneficiar a sua aldeia e os seus parentes. Em 1834 foi eleito membro honorário da Sociedade Asiática de Bengala.

Traduziu o *Bka'-gyur*, coleção tibetana de literatura budista que representa a “palavra de Buda”, com mais de mil obras originalmente escritas em sânscrito e vertidas depois do século XIII. Decidiu viajar em 1835 para a Índia: planejava e estudar o sânscrito e outras línguas locais durante alguns anos. Pretendia visitar o norte de Bengala e também o Nepal e Sikkim. Por motivos desconhecidos, no entanto, acabou ficando em Titalia (hoje situado em Bangladesh), onde estudou sânscrito e bengali em condições de pobreza similares às quais viveu no Tibete. Voltou a Calcutá em 1837, onde vivia recluso, rodeado de livros tibetanos. No entanto, em 1842, decidiu que visitaria Lhasa, a capital do Tibete, e de lá iria para a China com o claro intento de encontrar os uígures e os mongóis.

Kőrösi cometeu um grande erro de avaliação ao considerar que os uígures tivessem algum vínculo com a origem dos magiares. Porque, na verdade, não têm

qualquer ligação étnica, linguística ou cultural com os ancestrais dos húngaros. Esperava encontrar na biblioteca do Dalai Lama documentos que comprovassem esse vínculo entre uígures e magiares.

Ao chegar em Darjeeling, no Sikkim, foi acometido de febre devido à malária contraída na selva. Veio a falecer em abril daquele ano. O seu túmulo fica nas encostas do Himalaia.

## UM BAÚ AMBULANTE DE LÍNGUAS

A variedade de línguas que Kőrösi conhecia era impressionante. O húngaro é um idioma do grupo fino-ugriano, sua primeira língua; aprendeu muitas línguas indo-europeias (diversas tipologicamente e distantes umas das outras): é o caso do sérvio, eslavo eclesiástico, romeno, latim, grego, alemão, inglês, francês e italiano; estas línguas são distantes não apenas sob o ponto de vista geográfico do sânscrito, pashto, persa, hindustani, marati e bengali, embora sejam da mesma família. Aprendeu turco, idioma da família uralo-altaica. Depois, duas línguas semíticas – hebraico e árabe. Por fim, aprofundou-se no conhecimento da língua tibetana, do grupo de línguas tibeto-birmanesas pertencente à família das línguas sino-tibetanas. Ainda assim, o tibetano é distante das línguas chinesas porque, ao contrário destas, possui nove flexões nominais, que os idiomas chineses não possuem. Portanto, além da quantidade de idiomas que Kőrösi dominou, há o aspecto da grande variedade genética e tipológica com que soube lidar com facilidade.

A escrita tibetana é alfa-silabária, originária das escritas brânicas. Reza a tradição

que este tipo de sistema de escrita foi introduzido no Tibete por Thonmi Sambhota, no século VII. Ele era ministro do 33º rei do Tibete, Songsten Gampo. Por meio de casamentos, este rei tibetano expandiu o seu reino, enviou Sambhota à Índia para aprender diversas línguas locais e introduziu o budismo como religião oficial, que substituiu a crença Bön, tradicional no país.

A escrita alfa-silabária é um conjunto de signos utilizados para representar os fonemas de uma língua e situa-se entre um silabário (como o hiragana e o katakana, em japonês) e um sistema alfabético. Tais signos representam sílabas dotadas de uma vogal e outros que geralmente modificam, substituem ou suprimem essa vogal. Princípio fundamental o fato de que cada caractere consonantal básico leva consigo uma vogal *a* [ə] que lhe é inerente. Em outras palavras, um símbolo consonantal sem nenhum outro tipo de marcação representa, ao mesmo tempo, a consoante e a sua vogal inerente *a*. As escritas alfa-silabárias são originárias do devanágari (em sânscrito: देवनागरी, transl. *devanāgarī*, de *deva*, “divindade”, e *nagari*, “urbana”: “[escrita] urbana dos deuses”), um abugida (escrita alfabeto-silábica) da família brâmica, do sul da Ásia, usada desde o século XII. Muitas línguas da Índia, como o híndi, o sânscrito, o marata, o caxemira, o sindi, o biari, o bhili, o concani, o bhojpuri e o nepalês, usam o devanágari. É escrito e lido da esquerda para a direita.

Exemplo das escritas devanágari e tibetana:

Devanágari		Tibetano	Devanágari		Tibetano
क	ka	ཀ	द	da	ད
ख	kha	ཁ	ध	dha	ཏ

## MOORCROFT: O ACASO E A MÃO AMIGA

Em princípio, o sículo errante e o veterinário inglês William Moorcroft (1767-1825) jamais teriam se conhecido ou encontrado não fosse a conspiração do acaso. Kőrösi, em sua aldeia na Transilvânia, e Moorcroft, em Lancashire, estavam distantes geográfica e financeiramente. Embora o inglês fosse o filho ilegítimo da filha de um fazendeiro de Ormskirk, a família possuía rendimentos suficientes para enviá-lo a Liverpool para que aprendesse o ofício com um cirurgião local. Kőrösi enfrentou dificuldades já narradas e foi a custo de muito esforço que conseguiu estudar no exterior, antes de aventurar-se em sua jornada de milhares de quilômetros, desprovido de recursos.

O jovem William mostrou tanta competência ao tratar de gado doente que os proprietários de sua região, impressionados, convenceram-no a trocar a medicina pela veterinária. Pagaram-lhe os estudos em Lyon, na França, aonde chegou no significativo ano de 1789. Foi o primeiro inglês a obter o diploma de cirurgião veterinário. Em 1803, foi mobilizado para combater as tropas de Napoleão. Suas atividades chamaram a atenção de Edward Parry, um dos diretores da Companhia das Índias Orientais, que o recrutou para cuidar de estábulos em Bengala. Da Índia viajou para diversos lugares da Ásia Central, basicamente interessado em raças de cavalos.

O acaso permitiu que encontrasse Kőrösi, que não dispunha de recurso algum para

realizar os seus objetivos. Moorcroft acabou sendo uma das principais mãos amigas a guiar, por trilhas por vezes difíceis e tortuosas, o futuro especialista em língua, literatura e cultura tibetanas.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Atribui-se ao inglês William Jones (1746-1794) o papel de pioneiro dos estudos em linguística comparativa, sobretudo pelo fato de ter escrito que o sânscrito poderia ter raízes comuns com o grego e o latim, com as línguas celtas, o gótico e o persa. Jurista, foi juiz da Corte Suprema de Calcutá a partir de 1783. Após os dez anos que passou na Índia, deram-lhe o título (*sic*) de *orientalista* pelo fato de ter deixado estudos sobre

leis, música, botânica e geografia referentes àquele subcontinente.

Convém lembrar que o século XVIII na Europa foi bastante pródigo em personagens que se aventuraram em vários países, desvendaram culturas até então desconhecidas e produziram muitas obras relevantes. Mas grande parte desses resultados acabou sendo corolário da aventura colonizadora de certos países do Velho Continente. Kőrösi, o sículo errante, saiu de sua aldeia sem recurso algum, aventurou-se pelo mundo afora e constitui exceção nesse quadro geral de subprodutos da política colonialista ocidental. Ainda assim, foram alguns personagens de um país europeu presente no Oriente como colonizador que o auxiliaram a concretizar sua vasta obra inédita.

## REFERÊNCIAS

- DUKA, Theodore. *Life and works of Alexander Csoma de Kőrös: a biography compiled chiefly from hitherto unpublished data; with a brief notice of each of his unpublished works and essays, as well as of his still extant manuscripts*. London, Trübner, 1885.
- ICHISHIMA, Masao. "Kőrösi Csoma Sándor". *Annal of the Institute for Comprehensive Studies of Buddhism*, n. 3. Taisho University, 1981, pp. 47-58.
- LE CALLOC'H, Bernard. "Alexandre Csoma De Kőrösi dans son voyage en Asie de la Transylvanie dans le Ladakh, d'après les descriptions des voyageurs contemporains". *Stvdia Asiatica*, 2000, pp. 149-76; 2001, pp. 77-120; 2002, pp. 92-147.
- SZILÁGYI, Ferenc. *Kőrösi Csoma Sándor élete nyomában*. Budapest, Gondolat, 1987.
- SZILÁGYI, Ferenc. *Kőrösi Csoma Sándor levelesládája*. Budapest, Szépirodalmi kiadó, 1984.